

# Extrativismo vegetal na Amazônia

história, ecologia,  
economia e domesticação

...vere  
...sa, jabo  
...lorestais), e:  
...ção para as gusúria,  
...pu  
...xtrativ  
...aspectos,  
...metano... trabalhos resultantes de pesquisa  
...nos 20 anos, que sofreram adaptações, tendo sido publicados nas séries da...  
...Revista Amazônia: Ciência e Desenvolvimento, Revista Ciência Hoje, Revista Estudos Avançados, Análise dos...  
...tração e Sociologia Rural (Sober), Encontros da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica (Ecoeco)...  
...zônia e seminários diversos. Apresentamos o artigo que foi conhecido ao longo do tempo por meio dos cursos...  
...tecnologia Agropecuária para o Brasil (Prodetab) do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia do Estado do Pará, além...  
...Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e, especialmente, do Brasil da Amazônia...  
...base com relação ao extrativismo vegetal pós-arranque de Chico Mendes (1946-1983), envolvendo as polít...  
...anizações não governamentais, que o colocam como cerne da discussão para a redução...  
...atamentos e queimadas, para a geração de emprego e renda e como modelo de desenvolvimento adequado para a região amazônica...  
...an desafio promover o desenvolvimento de cadeias produtivas de produtos dispersos em peo...  
...quantidades, sem economia de escala, com falta de infraestrutura, baixa produtividade da terra e da mão de obra, perecibilidade e baixo valor dos pr...  
...ogramas sociais como Bolsa Família. A separação em produtos florestais madretiros e não madretiros como concepção traduz a falsa ilusão d...  
...do sustentáveis por definição. A sustentabilidade econômica versus t...  
...endera da taxa de extração... nem sempre a sustentabilidade biológica garante a sustentabil...  
...Nesse é diferença do ponto de vista econômico com relação a essa separação. A designação de produtos tradicionais, por si só, não é...  
...odutos extrativos da Amazônia, considerados inexistentes, pe...  
...cidade amazônica... famílias  
...pucuzeiro... o jambu, o guaranazeiro...  
...para garantir a geração de re...  
...garantir a preservação dos estoques re...  
...tropical, que foi a seringueira, efetuada...  
...com a seringueira, a castan...  
...o equivoco...  
...ma...

Alfredo Kingo Oyama Homma  
Editor Técnico



# Extrativismo história, ecologia, economia e domesticação Vegetal na Amazônia

...sa, jabo  
lorestais), e  
para as guseira,  
...pu  
xtrativ  
aspectos .

metânc. ... trabalhos resultantes de pesq  
nos 20 anos, que sofreram adaptação, tendo sido publicados nas séries da  
Revista Amazônia: Ciência e Desenvolvimento, Revista Ciência Hoje, Revista Estudos Avançados, Anais dos  
Extração e Sociologia Rural (Sober), Encontros da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica (Ecoeco)  
Amazônia e seminários diversos. Apresentamos o texto que foi concebido no longo do tempo por meio de cursos, artigos  
Tecnologia Agropecuária para o Brasil (ProCota) do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia do Estado do Pará e, mais  
Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), especialmente do Brasil, da Amazônia.  
Assim, em relação ao extrativismo vegetal pós-anos de Chico Mendes (1988-1983), envolvendo as poli  
mitigating Emissions from Deforestation and Forest Degradation (REDD), dos programas federais de desenvolvimento do governo brasileiro  
organizações não governamentais, que o colocam como cerne de estratégias para a redução  
plantamentos e queimadas, para a geração de emprego e renda e como modelo de desenvolvimento adequado para a região amazônica.  
um desafio promover o desenvolvimento de cadeias produtivas de produtos dispersos em pecu  
quantidades, sem economia de escala, com falta de infraestrutura, baixa produtividade da terra e da mão de obra, perecibilidade e baixo valor dos pr  
programas sociais como Bolsa Família. A separação em produtos florestais madeireiros e não madeireiros como concepção traduz a falsa ilusão d  
do sustentáveis por definição. A sustentabilidade econômica versus t  
...enderá da taxa de extração: nem sempre a sustentabilidade biológica garante a sustentabil  
... a diferença do ponto de vista econômico com relação a essa separação. A designação de produtos tradicionais, por si só, não e  
... produtos extrativos da Amazônia, considerados inextinguíveis, pr  
...rsidade amazônica famílias  
... çuzenro, o jambu, o guaranázetiro  
... para garantir a geração de re  
... garantir a preservação dos estoques rer  
... tropical, que foi a seringueira, efetuado  
... com a seringueira, a castani  
... o equivoco

Alfredo Kingo Oyama Homma  
Editor Técnico

# Cap. 23

*Alfredo Kingo Oyama Homma*

Guaraná: passado, presente e futuro<sup>1</sup>

## Introdução

Este capítulo mostra a cronologia dos diversos eventos que marcaram a história econômica do guaraná na Amazônia. Enfatiza a cronologia do uso do guaraná no sistema tradicional, a economia baseada no extrativismo, a domesticada e a sua transformação como produto nacional. Cita fatos regionais, nacionais e internacionais, separando-os em fases distintas e definindo a sua inserção no contexto do desenvolvimento agrícola regional.

Para atender à expansão da nascente indústria de suco de laranja em São Paulo, com problemas de mercado, o então ministro da Agricultura Luís Fernando Cirne Lima (1933) implementou a Lei dos Sucos por meio do Decreto-Lei 5.823, assinado em 14 de novembro de 1972. Essa lei estabelecia que todo refrigerante que levasse o nome do produto natural deveria conter limites máximo e mínimo para proteger o consumidor contra produtos artificiais, muito em voga naquela época. A consequência da Lei dos Sucos foi a oligopolização das grandes indústrias de refrigerantes, uma vez que as pequenas indústrias baseadas em sucos artificiais não tiveram condições de atender à legislação.

No caso do guaraná, o cumprimento dessa legislação criou uma grande demanda por esse produto, uma vez que estabelecia quantitativos de 0,2 g a 2 g de guaraná para cada litro de refrigerante. No caso do xarope de guaraná, a quantidade variava de 1 g a 10 g de guaraná para cada litro de xarope. Pode-se observar que, em ambas as situações, a quantidade de guaraná entre o mínimo e o máximo permitido legalmente é de 10 vezes.

---

<sup>1</sup> Palestra proferida na 2ª Reunião Técnica da Cultura do Guaraná, em Belém, Pará, na Embrapa Amazônia Oriental, realizada no período de 20 a 22 de novembro de 2001.

A produção de guaraná até o advento da Lei dos Sucos era decorrente da coleta extrativa e de plantios semidomesticados, concentrados nos municípios de Maués e Manacapuru, no Estado do Amazonas. Essa produção, por várias décadas, permaneceu estacionária entre 200 t a 250 t/ano. Com o advento da Lei dos Sucos, desencadeou-se uma grande febre pelo plantio do guaranazeiro, em que a escassez de conhecimentos tecnológicos sobre a cultura obrigou a tentativa de copiar técnicas de cultivo do cacauzeiro e do cafeeiro e da experiência dos produtores, além dos esforços que a recém-criada Embrapa, nos estados do Amazonas e Pará, procurou efetuar para a sua domesticação.

O resultado desse primeiro *boom* do guaraná foi a intensificação do plantio dessa cultura, em um clima de grande otimismo, alardeado também por diversos artistas e personalidades públicas, dos benefícios do uso do guaraná em pó, diariamente manifestado na mídia. A médica romena Ana Aslan (1897–1988), na sua visita ao Brasil, em 1972, enfatizou as propriedades geriátricas do guaraná, uma vez que estava cuidando do caudilho Juan Domingo Perón (1895–1974), que iria assumir o governo da Argentina no período de 1973–1974, e só fez aumentar a mística dos benefícios do guaraná.

A expansão da cultura do guaranazeiro, nesse primeiro ciclo, procurou atender principalmente ao mercado interno de refrigerantes e como produto geriátrico. Quanto ao primeiro, em face da elasticidade da concentração permitida entre o mínimo e o máximo, da concorrência com outros refrigerantes e de questões de sabor, o mercado foi rapidamente preenchido. No que concerne ao aspecto geriátrico, o teor de cafeína encontrado na amêndoa do guaraná, cerca de 4,5%, representando em torno de quatro vezes o conteúdo desse alcaloide no próprio café, terminou levando a certas precauções quanto ao seu uso. Isso fez com que a produção de guaraná estabilizasse com menos de 5 mil toneladas anuais, porém quase 20 vezes a produção durante a fase extrativa.

Em termos de localização, a produção impulsionada pela Lei dos Sucos determinou uma grande expansão dos plantios dessa cultura nos estados do Amazonas e Bahia, levando este último a concentrar mais de 50% da produção brasileira até 2011. Há uma tendência recente da volta da produção de guaraná para a sua terra de origem, o Estado do Amazonas, mas a produção não apresentou grande crescimento.

O segundo *boom* do guaraná na Amazônia descortinou com a fusão da Companhia Antártica e da Companhia Cervejaria Brahma, ocorrida em 1º julho de 1999, que resultou na AmBev – Companhia de Bebidas das Américas, enfatizado pela imprensa como sendo a primeira multinacional verde-amarela. Posteriormente, o acordo que a AmBev efetuou com a Pepsico Inc., assinado em 21 de outubro de 1999, em que o presidente Fernando Henrique Cardoso foi o primeiro a tomar conhecimento dessa novidade, comprometendo-se a distribuir o

guaraná para mais de 175 países, indica a transformação desse produto em escala planetária. Esse acordo previa a exportação do *sabor do Brasil* para o mundo a partir do ano 2000.

O lado místico que essa cultura apresenta impressionou von Martius, na sua viagem pela Amazônia em 1818–1820, quando batizou essa planta, utilizada pelos índios Maués e Andirás na forma de bastão e ralado na língua do pirarucu. Assim, desde o lançamento pioneiro, em 1907, do guaraná Andrade em Manaus, em nível nacional, do guaraná Antarctica, em 1921, e do guaraná Brahma, em 1927, o guaraná pôde ganhar uma fatia do mercado mundial. Os produtores da Amazônia devem ficar sintonizados com essa perspectiva e com a necessidade do aprimoramento tecnológico.

Os ciclos econômicos na Amazônia sempre têm apresentado uma fase de expansão, de apogeu e seu declínio, com a transferência de mazelas e problemas para o ciclo seguinte, sem conseguir a sua efetiva manutenção. A existência de retardamento científico-tecnológico, a incapacidade de geração de conhecimentos para superar os problemas surgidos, a adoção de políticas equivocadas e sujeitas a flutuações têm se constituído nas principais limitações para a maioria dos ciclos econômicos e não foi diferente para o cultivo do guaranezeiro.

A região amazônica não se cansa de procurar a sua vocação econômica, muitas e vãs têm sido as tentativas de fazer dessa cultura um eixo de desenvolvimento agrícola regional. Durante as décadas de 1990 e 2000, negligenciou-se o desenvolvimento científico e tecnológico com relação a essa cultura. Há necessidade de recuperar o tempo perdido e buscar o futuro por meio do conhecimento do passado para evitar a repetição de novos erros.

A seguir, procura-se enfocar os eventos mais importantes ocorridos na Amazônia, procurando entender o atual momento histórico da expansão dessa atividade e tentando tirar as lições da história para o desenvolvimento dessa cultura.

## Como apareceu o guaraná

Na aldeia havia um casal de índios que tinha um filho. Neste resumiam-se todas as esperanças e felicidade do casal maué. Ele era bom, bom menino, espalhava o bem em derredor de si. Um dia o espírito do mal resolveu eliminar aquele prodígio da aldeia.

Apesar da estreita vigilância exercida pela tribo em torno do curumi, este conseguiu iludi-la. Trepou a uma árvore, a fim de colher frutos. Iurupari transformou-se em cobra e atacou-o. Quando foram empós do garoto, acharam-no morto, os olhos muito-muito abertos para o céu, com uma expressão de rara felicidade boiando neles. Nesse instante, tremenda descarga elétrica sacudiu a paisagem e um raio caiu nas proximidades, fazendo silenciar as lamentações da tribo, calando as carpideiras. Vai então, a mãe do menino falou, falou, explicando que Tupã manifestara-se,

pedindo que enterrassem os olhos da criança. A mãe, porém, não poderia fazê-lo, cabendo essa obrigação a outrem. Ninguém na tribo se atrevia a tomar qualquer iniciativa. Recorreu-se à sorte. Uma vez enterrados os olhos do menino, deles brotou uma planta arbustiva.

É por isso que as sementes do guaraná são semelhantes a olhos vivos (MONTEIRO, 1965, p. 73-74).

## As fases da exploração do guaraná

### Uso tradicional local

#### 1669

Missionário João Filipe Betendorf na sua *Chronica* relata que os índios Andirás utilizavam o guaraná como “planta milagrosa” “tem os andirazes em seus matos uma frutinha a qual secam e depois pisam, fazendo delas umas bolas que estimam como os brancos o seu ouro. Chama-se guaraná. Desfeitas com uma pedrinha em uma cuia d’água... dão tanta força como bebida que indo à caça um dia até outro não sentem fome, além do que tiram febres, cãibras e dores de cabeça”.

#### 1762

O frei João de São José de Queiróz no relatório *Viagem e visita do sertão em o bispado do Grão-Pará em 1762 e 1763* comentava sobre as excelências do guaraná na medicina.

#### 1775

O ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio escrevia “os maués são famosos pela fabricação da célebre bebida guaraná, frigidíssima, que já se usa na Europa, em que se tem conhecido algumas virtudes no seu uso...”.

#### 1785

O baiano Alexandre Rodrigues Ferreira (1756–1815), geógrafo, zoólogo e botânico, descreveu o uso do guaraná em Barcelos e denominou de Franzinia, em homenagem ao seu professor de matemática de Coimbra.

#### 1817

Casamento da princesa austríaca Maria Leopoldina Josefa Carolina Habsburgo (1826) com Dom Pedro I (1798–1834), trazendo uma comitiva de cientistas, desenhistas, etc.

## 1800

Alexandre von Humboldt (1769–1859), quando procurava a passagem do Rio Orinoco com o Rio Negro, identificou o guaranazeiro como sendo cupana, daí a denominação, mais tarde, de *Paullinia cupana* H.B. Kunth.

## 1818–1820

O lado místico do guaraná impressionou von Martius na sua viagem pela Amazônia, quando batizou o guaranazeiro como *Paullinia sorbilis*, utilizada pelos índios Maués e Andirás, na forma de bastão e ralado na língua do pirarucu. O nome Paullinia foi colocado em homenagem ao médico e botânico alemão C.F. Paullinia, que morreu em 1712.

## 1852

Exportação de 262 arrobas para a Europa.

## 1865

No dia 23 de abril, chegou ao Rio de Janeiro o suíço Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807–1873), chefiando a Thayer Expedition, financiada pelo milionário americano Nathaniel Thayer, para estudar a fauna ictiológica da Bacia Amazônica, percorrendo o Rio Amazonas em todo o seu curso, visitando Tabatinga, Tefé, Manaus e retornando a Belém. Na visita a Maués toma conhecimento do guaraná.

## A economia centrada no extrativismo

### 1907

Surgiu em Manaus o guaraná Andrade, produzido pela Fábrica Andrade, a primeira do País a produzir refrigerante de guaraná, que funcionou até 1970.

### 1912

O engenheiro agrimensor João Alberto Masô, delegado Estadual do Ministério da Agricultura, introduziu o cultivo do guaranazeiro no Estado do Acre.

### 1913

Início das festividades do Boi-bumbá como uma ramificação do Bumba-meu-boi do Maranhão. O Boi-bumbá Caprichoso foi criado no dia 20 de outubro e o Boi Garantido no dia 13 de junho.

**Tabela 1.** Campeões do Festival Folclórico de Parintins no período de 1966–2013.

Boi Garantido	Boi Caprichoso
1966, 1967, 1968, 1970, 1971, 1973, 1975, 1978, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1986, 1988, 1989, 1991, 1993, 1997, 1999, 2000 (empate), 2001, 2002, 2004, 2005, 2006, 2009, 2011, 2013	1969, 1972, 1974, 1976, 1977, 1979, 1985, 1987, 1990, 1992, 1994, 1995, 1996, 1998, 2000 (empate), 2003, 2007, 2008, 2010, 2012

## 1921

O refrigerante guaraná foi lançado no País pela Antarctica.

## 1922

Início da fabricação do guaraná Soberano, por Hilário Ferreira, em Belém.

## 1924

A Brahma registra seu primeiro guaraná: Guaraná Genuíno.

## 1925

A Sociedade Bahiana de Agricultura introduz mudas de guaranazeiro no Horto Botânico, em Retiro, Salvador.

## 1927

Lançamento do Guaraná Brahma, pela Companhia Cervejaria Brahma.

## 1929

No final do ano, 50 imigrantes japoneses pertencentes a nove famílias foram para Maués trabalhar em uma concessão de 25 mil hectares para desenvolver plantios de cacaueteiro, guaranazeiro e arroz, como os principais produtos. Esse núcleo colonial, em decorrência do fracasso, foi absorvido, em 1939, pela colônia de Parintins, estabelecida em 1931.

## 1933

Plantio de 30 mudas de guaranazeiro na Estação Experimental de Água Preta, atual Escola Média de Agricultura da Região Cacaueira, em Uruçuca, Bahia.

## 1937

Observem que na classificação botânica do guaranazeiro estão envolvidos nomes de cinco cientistas: Humboldt, Bonpland, Kunth, Martius e Ducke. O estudo de Ducke promoveu a classificação final



do guaranazeiro como sendo *Paullinia cupana* H.B.K. var. *typica*, o guaranazeiro encontrado na Colômbia e Venezuela, originariamente por Humboldt e Bonpland, e *Paullinia cupana* H.B.K. var. *sorbilis* (Mart.) Ducke, o guaranazeiro de Maués.

## 1938

Fundação da fábrica de produtos Globo, em Belém, priorizando o beneficiamento do guaraná, na forma de xarope e refrigerante, com a razão social Duarte Fonseca & Cia. Ltda.

## 1940–1945

Foram fundadas as fábricas Magistral, Luseia e Baré, em Manaus. Mais tarde surgiram a marca Brasil, Líder e Tuchaua.

## 1942

A Coca Cola chegou ao país com todas as consequências sobre o consumo de sucos naturais.

## 1946

O médico Otthon Machado tenta caracterizar os princípios medicinais do guaraná como antitérmico, antineurálgico e antidiarreico.

## 1958

Cosme Ferreira Filho foi o primeiro a fabricar guaraná em pó para substituir o trabalhoso processo do uso do guaraná em bastão.

## 1960

Início das pesquisas agronômicas com o guaranazeiro no Instituto Agronômico do Norte.

## 1961

Antônio Lemos Maia efetua o primeiro plantio de guaranazeiro com fins comerciais, na Bahia, no Município de Ituberá.

## 1963

A Companhia Antártica Paulista adquire uma fazenda em Maués com 1.070 ha, que em 1972 foi transformada em Sociedade Agrícola Maués (Samasa).

## 1966

Início do Festival Folclórico de Parintins, organizado por Raimundo Muniz Rodrigues, Xisto Pereira, Lucinor Barros e Padre Augusto.

## 1969

O Decreto 104.492, de 15 de maio, criou o Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária da Amazônia Ocidental (IPEAAO), com sede em Manaus e abrangência nos estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima.

## 1971

A Fazenda Cultrosa, no Município de Camamu, Bahia, inicia plantios em escala comercial de guaranazeiro.

## Fase domesticada

### 1972

O Decreto-Lei 5.823, de 14 de novembro, regulamentado em 1973, ficou conhecido como a “Lei dos Sucos”, beneficiando a domesticação do guaranazeiro. No caso do guaraná, o cumprimento dessa legislação criou uma grande demanda por esse produto, uma vez que estabelecia quantitativos de 0,2 g a 2 g de guaraná para cada litro de refrigerante. No caso do xarope de guaraná, a quantidade variava de 1 g a 10 g de guaraná para cada litro de xarope. Pode-se observar que, em ambas as situações, a quantidade de guaraná entre o mínimo e o máximo permitido legalmente é de 10 vezes. Essa variação pode ser vista comparando os percentuais do guaraná Taí, que contém 0,2 g/l (0,02%) de refrigerante, com o Tuchau, 1,10 g/l (0,11%).

A médica romena Ana Aslan, na sua visita ao Brasil enfatizou as propriedades geriátricas do guaraná, uma vez que estava cuidando do caudilho Juan Domingo Perón (1895–1974), que iria assumir o governo da Argentina no período de 1973–1974, e só fez aumentar a mística dos benefícios do guaraná.

### 1973

Implantação do plantio de guaranazeiro pela Antártica, como decorrência da Lei dos Sucos, no Município de Maués, Amazonas, gerenciado pelo agrônomo Kiyoshi Okawa.

Divulgação de estudos de mercado de guaraná executados pela Universidade Federal de Viçosa em convênio com a Acar-Amazonas

Foto: Manoel da Silva Cravo.



**Figura 1.** Planta de guaranazeiro em plena frutificação no Município de Maués, Estado do Amazonas.

Foto: Manoel da Silva Cravo.



**Figura 2.** Fruto de guaraná sendo colhido no Município de Maués, Estado do Amazonas.

## 1974

Criação do Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira, em Manaus, pela Deliberação da Diretoria 098/74, de 16 de abril.

## 1975

A Deliberação da Diretoria 028/75, de 13 de junho, criou a Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Manaus (Uepae de Manaus) e de Altamira (Uepae Altamira). A Deliberação da Diretoria da Embrapa 005/75, de 23 de janeiro, criou o Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido (Cpatu).

A Ceplac inicia pesquisas com guaranazeiro, com material proveniente do Cpatu na Estação Experimental Lemos Maia, em Una.

No município baiano de Camamu, a Agro-Brahma S.A. é implantada ocupando uma área total de 1.250 ha, dos quais 255 plantados com guaranazeiro.

## 1976

Início das plantações de guaranazeiro no Estado do Mato Grosso, em Alta Floresta, pela Colonizadora Indeco.

## 1977

Início das pesquisas sobre a propagação vegetativa do guaranazeiro executadas pela Uepae de Manaus.

## 1981

O governo do Estado do Amazonas financia a produção de 100 mil mudas de guaranazeiro pelo processo de enraizamento de estacas.

Incentivo ao plantio de guaranazeiro em Roraima.

Fabricação do guaraná em pó solúvel pelo Cpatu, desenvolvido pela pesquisadora Raimunda Fátima Ribeiro de Nazaré.

## 1982

As normas e padrões sobre a classificação do guaraná estão regulados pela Portaria 70, de 16 de março de 1982, do Ministério da Agricultura.

A senadora Eunice Michilles, deputada estadual (1974–1978), senadora (1979–1987), publica o trabalho *Uma alternativa econômica e social para o Brasil: a cultura do guaraná*, defendendo a proposta de fundação do Instituto do Guaraná. A paulista Eunice Michilles dedicou-se no início às atividades de magistério no Município de Maués.

## 1983

No dia 7 de julho foi lançado em Manaus o Programa Nacional de Estímulo ao Desenvolvimento do Guaraná, pela Secretaria de Produção Rural do Estado do Amazonas (Sepror), que tinha como meta estabelecer 16 mil hectares de guaranazeiro no Estado do Amazonas no quadriênio 1982–1985, chegando apenas a 4 mil hectares.

Realização do 1º Simpósio Brasileiro do Guaraná, em Manaus, no período de 24 a 28 de outubro.

## 1989

Deliberação da Diretoria 008/89, de 11 de julho, criou o Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia, em Manaus, substituindo o Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê e a Uepae de Manaus.

## 1991

Deliberação da Diretoria 004/91, de 1º de março, criou o Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental, substituindo o Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido, a partir de 2 de abril.

Deliberação da Diretoria 005/91, de 1º de março, alterou a denominação de Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia para Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Ocidental, localizado em Manaus.

## 1995

Na cidade de Taperoá, a 300 km de Salvador, a empresa Naturkork e Naturwaren – Import & Grobhandel adquire o guaraná orgânico, reconhecido pelo Instituto Biodinâmico (IBD), e exporta para a Alemanha. Em 1995, foi feita a primeira exportação de 2 t de guaraná orgânico, 3,5 t em 1999 e 4 t em 2000. A empresa adquire aproximadamente 7 t de guaraná orgânico produzido por 21 produtores que cultivam o guaraná orgânico no Projeto Onça.

## A transformação como produto externo

### 1999

No dia 1º de julho ocorreu a fusão da Companhia Antártica e da Companhia Cervejaria Brahma, resultando na Companhia de Bebidas das Américas (AmBev), que a imprensa enfatizou como sendo a primeira multinacional verde-amarela. Isso parece descortinar como o nascimento do segundo *boom* do guaraná na Amazônia.

No dia 21 de outubro, a Pepsico Inc., produtora da Pepsi Cola, e a Companhia de Bebidas das Américas (AmBev) assinaram o International Masters Franchising Agreement, para distribuição do guaraná para mais de 175 países do mundo inteiro, a partir do ano 2000.

Lançamento das cultivares de guaranzeiro BRS-Amazonas, tolerante à antracnose, e BRS-Maués, tolerante à antracnose e ao superbrotamento, no dia 28 de novembro, pela Embrapa Amazônia Ocidental, em Maués, Amazonas.

No período de 26 a 28 de novembro foi realizada em Maués a 20ª Festa do Guaraná.

### 2000

Realização da 1ª Reunião Técnica da Cultura do Guaraná, no período de 6 a 9 de novembro de 2000, em Manaus, na Embrapa Amazônia Ocidental, incluindo um minicurso sobre a cultura.

## 2001

Em janeiro, a Sucasa, empresa sediada em Castanhal, implantada com um investimento de R\$ 6 milhões, exportou a primeira partida de 21 t de um energético a base de açaí e guaraná em sacos plásticos de 100 g, que irão direto para lanchonetes e prateleiras de supermercados dos Estados Unidos, no valor de US\$ 45 mil.

No período de 20 a 22 de novembro foi realizada a 2ª Reunião Técnica da Cultura do Guaraná, em Belém, Pará, na Embrapa Amazônia Oriental.

## 2006

Concluído o sequenciamento genético do fruto de guaraná pela equipe de cientistas, coordenada pelo professor Spartaco Astolfi Filho da Universidade Federal da Amazônia (Ufam) e de outras universidades componentes da Rede da Amazônia Legal de Pesquisa Genômicas (Realgene).

## 2011

Lançado no dia 26 de outubro no Campo Experimental da Embrapa, no Município de Maués, as cultivares BRS Cereçaporanga, BRS Mundurucânia, BRS Luzeia e BRS Andirá, que produzem em média 1,5 kg de sementes secas por planta, enquanto a média regional é de 200 g por planta ao ano.

## Considerações finais

Nos últimos cinco séculos, a partir da chegada de Cristóvão Colombo à Ilha de Guanahani (São Salvador), no dia 12 de outubro de 1492, várias plantas do Novo Mundo foram aclimatadas em outras partes do mundo. O fumo foi sem dúvida a primeira planta que passou a despertar a curiosidade dos europeus, passando a constituir em vício universal e, junto com o café, tornou-se símbolo nacional.

Outras plantas, como a batata inglesa e o tomate, têm a sua origem na Cordilheira dos Andes e tornaram-se, também, plantas universais. O mesmo aconteceu com o milho, já utilizado pelas civilizações incas, astecas e maias. A batata doce foi outra planta alimentícia que foi levada do Novo Mundo para o continente europeu.

Não resta dúvida que a mandioca foi o maior legado da civilização indígena, constituindo-se no alimento básico da população brasileira, disseminado pelos portugueses para os continentes africano e asiático, tornando-se, também, importante atividade agrícola nesses novos locais.

Todas essas transferências de recursos genéticos anteriores não tiveram maiores consequências imediatas na estabilidade econômica dos locais de onde foram subtraídos. As consequências econômicas começaram a surgir com a transferência do cacaueteiro, em 1746, para a Bahia e da cinchona, em 1860, do Equador para o Sudeste Asiático, provocando a mudança do eixo produtivo. As consequências não foram maiores por terem sido efetivadas de forma lenta e gradativa, levando várias décadas.

Em 1876, contudo, ocorreu a transferência da seringueira para o Sudeste Asiático e três décadas depois a região amazônica iria experimentar o maior caos econômico, social e político, cuja ação foi protagonizada por um único homem, mudando o eixo da história.

Essas lições da história relevam a importância da cultura do guaranazeiro, que até o momento passou incólume quanto à sua transferência para outros países, tendo despertado apenas o interesse nacional, com plantios na Bahia, tornando-se o maior produtor nacional. Espera-se que os princípios da nova ética da movimentação dos recursos genéticos, acordados em nível mundial, faça com que o guaranazeiro tenha a segurança da sua permanência apenas no País. A presença dessa planta em outros países limítrofes da Amazônia Brasileira faz com que o controle da biopirataria deva ser efetuada de maneira coletiva pelos países que fazem parte do condomínio da Bacia Amazônica.

Desde quando surgiu o primeiro refrigerante de guaraná engarrafado, em 1907, essa bebida ganhou a simpatia nacional e, tal qual o chá, o café, o chocolate, entre outros, tem tudo para se transformar em uma nova bebida universal. Espera-se que, além da planta em si, esteja associado o aspecto geográfico, do qual o nome Amazônia seja também um novo produto a ser incorporado, transmitindo a ideia de pureza e da força da natureza.